

FREUD E VIERECK: MODALIDADES DE GOZO E RUMOS DA PSICANÁLISE¹

Janaina Bianchi de Mattos²

RESUMO

Esse artigo se propõe a tratar de uma rara entrevista que Sigmund Freud concedeu ao famoso entrevistador George Sylvester Viereck; estando o primeiro já ao final de sua vida, contando então com setenta anos. A partir desta entrevista, o núcleo Dourados do Corpo Freudiano desdobra a compreensão de uma possível relação analítica e transferencial entre Freud e Viereck que daria os contornos particulares desta interessante troca. Também ao longo da minuciosa análise desta entrevista, surge a questão: estaria Freud situado em uma posição feminina e até mesmo mística? Seria essa a posição do analista? É o que este artigo se coloca a desdobrar.

PALAVRAS-CHAVE: Freud. Viereck. Mística. Psicanálise. Gozo.

¹ Trabalho apresentado no X Colóquio Internacional e X Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise: o valor da vida, ocorrido nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2020, *online*.

² Psicanalista. Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Dourados. E-mail: bianchijanaina2@gmail.com Telefone: +55 21 98054-7903 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5227-5415>

Entre as preciosidades encontradas na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud, verificou-se uma rara entrevista de Freud denominada “O Valor da Vida”, concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. É diante da beleza dessa entrevista que o Corpo Freudiano Núcleo Dourados - M.S. se lança a escutar possíveis lugares ocupados por Freud e Viereck numa cena um tanto quanto sugestiva, particularmente no que diz respeito a elementos como: o lugar do Sujeito Suposto Saber; o laço transferencial; a demanda endereçada ao Outro; a função de objeto *a*; o trabalho do sintoma ao enigma; a insistência do significante na transferência e outros. Nesta direção, surge a questão: estaríamos diante de uma típica relação transferencial encontrada num trabalho realizado por um par analítico? A partir daí, nos propomos a desenvolver a leitura de tais elementos clínicos articulados aos conceitos de modalidades de Gozo, de Jacques Lacan, bem como trabalhar os efeitos dessa entrevista entre Freud e Viereck, no que diz respeito aos rumos da psicanálise.

Talvez seja interessante, antes de mais nada, mencionar aqui quem foi essa curiosa figura a quem Freud concedeu sua rara entrevista. Viereck foi um poeta germano-americano, escritor e propagandista pró-alemão. O auge de sua popularidade foi entre 1907 e 1912, quando suas obras chamavam a atenção para um subjetivismo extremo e uma preocupação narcísica consigo mesmo, além de um excesso de ostentação de suas metáforas. Envolveu-se em movimentos políticos e sociais germano-americanos instigado por seu pai e, em 1914, ajudou propagandistas alemães enviados aos Estados Unidos para promover a simpatia pela causa alemã. No entanto, assim que se evidenciou a guerra, alterou seu tom para mostrar lealdade à causa americana. Havia uma tendência amoral e ambivalente em Viereck que aparecia, por exemplo, no fato de em 1920 ter escrito artigos refletindo simpatia por Hitler, ao mesmo tempo em que mostrava profundo respeito por Freud e Einstein. Em 1923, entrevistou Hitler e em 1926, Freud. Após a ascensão de Hitler ao poder, Viereck serviu como publicitário propagandista da Alemanha nazista. Também se envolveu com negócios escusos em que buscava ocultar sua identidade, de modo que veio a ser preso em 1941, conseguindo liberdade somente em 1947. Neste período, perdeu posses, o casamento e o próprio filho (JOHNSON, 1969, KELLER, 1971).

Esclarecidos estes pontos, voltemos à entrevista. Freud, aos 70 anos, recebe Viereck já demonstrando, de saída, o valor singular e apreciação que dá à vida: “Ainda prefiro a existência à extinção”. E prossegue: “Setenta anos ensinaram-me a aceitar

a vida com serena humildade.” (VIERECK, 1926, p. 4). Freud se recorda das coisas agradáveis que a vida lhe trouxe e demonstra não se apropriar dos méritos alcançados, recusando a glória que lhe conferem. Diz não permitir que reflexões filosóficas estraguem a fruição das coisas simples da vida. E pontua: “Se reconhecermos os motivos egoístas por trás de toda conduta humana, não temos o mínimo desejo de voltar.” (*idem*, p. 6).

Dado esse encontro, podemos dizer que Viereck se endereça a Freud colocando-o no lugar de Sujeito Suposto Saber, pois escolhe entrevistá-lo como sendo um dos grandes homens de seu tempo. Em decorrência da condição falante do ser humano, sabemos que é impossível eliminar o fenômeno da transferência de qualquer relação social, de modo que, a partir dessa premissa, é possível constatar que Viereck entrevistava sujeitos aos quais ele supunha um saber – o que de fato, era confirmado por ele de forma consciente. Oportunamente, nas palavras de Maurano (2018): “É a esse Outro que nos dirigimos, como se ele fosse a garantia do bom andamento das coisas, lugar de onde emanaria a verdade última de nós mesmos. É essa suposição de um saber no Outro que Lacan localiza como pivô do deslançamento da transferência, via pela qual o analista vem a encarnar a função de sujeito suposto saber” (MAURANO, 2018, p. 26).

Pois bem; ao longo da entrevista, iremos verificar um nítido endereçamento transferencial de Viereck a Freud, tanto que notaremos que Freud toma esse lugar que lhe é designado e assim passa a responder seu entrevistador do lugar de analista, produzindo, então, uma verdadeira torção, um furo no saber suposto. Isto é, Freud se apresenta como um mestre, sim, porém, um mestre castrado, apontando a Viereck que pode haver algo para além de suas pretensas fixações imaginárias. Isso se constata em vários momentos ao longo da entrevista; lembrando que esta ocorreu exatamente em meio ao período em que Viereck estava iniciando seu envolvimento com o movimento nazista.

Sobre Viereck, em uma publicação de 1952, pela *Fawcett Publications*, foi colocada a seguinte percepção após sua saída do período de prisão:

Viereck era um homem mais pobre, porém mais sábio, quando recuperou a liberdade em 1947. Ele perdeu um pouco de seu egocentrismo, aprendeu a ter paciência, ganhou maior respeito pela raça negra e cultivou um senso de humor. Ele também expressou seu pesar, embora com reservas, por seu juízo errado sobre os nazistas [...] Mas é duvidoso que tenha se arrependido

de fato [...] Sua morte ocorreu em 1962, como resultado de uma hemorragia cerebral massiva. (JOHNSON, 1968, p. 34-36)³.

O que, então, desse breve relato sobre a história de Sylvester Viereck pode-se articular com a teoria psicanalítica e com o que Freud demonstrou, em ato, na entrevista a ele concedida? Colocam-se, a partir daqui algumas hipóteses.

É adequado lembrarmos que Viereck já havia entrevistado Hitler e outros quando veio a entrevistar Freud. E também é importante ressaltar que ele buscava o mestre nos homens que entrevistava, de modo que suas perguntas já eram formuladas visando respostas que confirmassem a mestria suposta ali. Vejamos: “O senhor teve a fama. Sua obra influi na literatura de cada país. O homem olha a vida e a si mesmo com outros olhos, por causa do senhor. E recentemente, no seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para homenageá-lo – com exceção da sua própria universidade!” (VIERECK, 1926, p. 5).

Questão que evidencia o significativo “fama” e denota a transferência de Viereck para com Freud, supondo que o grande Outro se destaca por possuir um saber a mais. Ao que Freud responde:

Se a Universidade de Viena me demonstrasse reconhecimento, eu ficaria embaraçado. Não há razão por que deveriam aceitar a mim e a minha obra porque tenho setenta anos. Eu não atribuo importância insensata aos decimais. A fama chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro à glória póstuma. Minha modéstia não é virtude (*idem*, p. 5).

Ao longo de toda entrevista, verificaremos o esforço de Freud em pontuar o quanto determinados atravessamentos são necessários para que haja deslocamentos de certas posições imaginárias e reforçadoras de ego. O Pai da psicanálise comparece em vários momentos da entrevista “furando” as posições imaginárias de Viereck e apontando para uma outra direção, como, por exemplo, quando diz: “Minha língua é o alemão. Minha cultura, minhas realizações são alemãs. Eu me considerava intelectualmente alemão, até que notei o crescimento do preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria alemã. Desde então, prefiro denominar-me judeu” (*idem*, p. 8).

³ Tradução livre do original: “Viereck was a poorer but wiser man when he regained freedom in 1947. He lost some of his egocentricity, learned patience, gained greater respect for the Negro race, and cultivated a face-saving sense of humor. He also expressed his regret, although with reservations, over his misjudgment of the Nazis [...] But it is doubtful that Viereck ever fully repented. [...] Viereck’s end came in 1962 as a result of a massive cerebral hemorrhage.” (JOHNSON, 1968, pp. 34-36).

No entanto, Viereck parece não apreender a magnitude daquilo que Freud diz, pois faz uma leitura deste a partir do ponto imaginário onde ele mesmo se encontra, de modo que, desapontado, refletirá: “Freud deveria habitar as alturas, para além de qualquer preconceito de raça, que deveria ser imune a qualquer rancor pessoal.” (*idem*, p. 8) E segue respondendo a Freud, buscando disfarçar suas impressões: “Fico contente (...) de que também o senhor tenha seus complexos, de que também o senhor demonstre que é um mortal!” (*idem*, p. 8). Pontuação que denota que Viereck interpreta a posição de Freud como sendo da ordem de um fracasso, e não uma posição desejante de alguém que escolheu se situar a partir do furo no saber e de uma posição não-toda fálica, extraíndo daí uma outra modalidade de gozo, um gozo Outro.

Viereck – com certas posturas tomadas ao longo de sua vida e, em especial, neste momento em que entrevista Freud – evidencia seu modo de encarar a existência: apoiando-se muito mais em um ideal imaginário de completude e em um discurso absolutista e fálico, evidenciando certa dificuldade de apreensão de tudo que pudesse vir a dar notícias de algo que descortinasse alguma transcendência desta proposta, o que, de certa forma, nos faz lembrar o movimento imperioso da pulsão de morte em sua modalidade de gozo fálico, buscando extrair satisfação imediata de sua fantasia de completude. Quando Freud lhe interpela, afirmando que o jornalista busca em grandes homens a figura de seu pai, este, por sua vez, notará: “Neguei veementemente a afirmação de Freud. No entanto, refletindo sobre isso, parece-me que pode haver uma verdade, ainda não suspeitada por mim, em sua sugestão casual. Pode ser a mesma atração que me levou a ele” (*Idem*, p. 8).

Porém, o analisante/entrevistador Viereck retoma sua resistência, reafirmando a suposição de saber ao analista: “Gostaria (observei após um momento) de poder ficar aqui o bastante para vislumbrar o meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, receio ser muito informado sobre a psicanálise. Eu frequentemente anteciparia, ou tentaria antecipar, suas intenções” (*Idem*, p. 8).

Freud, mostrando de fato ser o Pai da psicanálise e descobridor do continente obscuro que é o inconsciente, dirá sem titubear: “A inteligência, num paciente, não é um empecilho. Pelo contrário, às vezes facilita o trabalho.” (*idem*, p. 8). Viereck, insistindo ainda mais fortemente em sua paixão pela ignorância, protestará:

Às vezes, imagino se não seríamos mais felizes caso soubéssemos menos dos processos que dão forma a nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba à vida seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu grupo original de complexos. Não nos tornamos mais alegres descobrindo que nós todos abrigamos em nossos corações o selvagem, o criminoso e o animal (*idem*, p. 9).

Freud, com sutil familiaridade aos processos inconscientes pontuará: “Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana.” (*idem*, p. 9). E esclarecerá que o ser humano, ao tentar se ajustar de forma precária a uma civilização complicada, adquire muitos complexos; enquanto o animal, que pode viver sua animalidade sem restrições, seria um ser mais simples. Poderia ser este um convite de Freud a seu novo analisante/entrevistador para que visse a parte selvagem de si mesmo com outros olhos?

Conforme demonstrado, Freud não aceita o lugar que lhe impõe Viereck, não responde às suas investidas fálicas e se situa em um lugar Outro, que não o da lei nem o do falo. A posição de Freud poderia ser articulada a uma outra modalidade de Gozo? Uma que vise o não-todo? Em seu *Seminário*, livro 20, “Mais, ainda”, Lacan (1972-73/1993) aponta para esse Gozo suplementar, que está para além do falo, onde a relação sexual não há, colocando um limite ao gozo fálico.

Freud, como os grandes homens de sua época, os quais Viereck entrevistará, estava neste lugar de Sujeito Suposto Saber, que é um efeito de discurso. Todavia, não se identificará com este lugar, pois, como podemos ver ao longo da entrevista, se situará em um lugar não-todo, lugar da falta, do furo.

Neste mesmo movimento, Freud se questiona ainda: “Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por alguém habitam nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda vida conjuga o desejo de manter-se e um anseio pela própria destruição (...) A pulsão de vida e a pulsão de morte habitam lado a lado (...) Juntas, elas regem o mundo” (VIERECK, 1926, p. 6).

O que Freud assegura é que não há suicídio em massa porque a pulsão de vida é forte o suficiente para contrabalançar a pulsão de morte, embora, ao final, a última resulte mais forte. Dirá que existe uma grande força naquilo que está para além do princípio do prazer, a saber, a morte. Afirmará que isso explica porque alguns homens amam a dor e todos busca o descanso. Mencionará as palavras dos poetas: “Quaisquer deuses que existam/ Que vida nenhuma viva para sempre/ E também o rio mais cansado/Deságue tranquilo no mar” (apud VIERECK, 1926, p. 10).

Poderíamos, então, correlacionar a posição de Freud à do místico, que também, por sua vez goza em um Outro lugar... não-todo? Notamos que isso se

verifica claramente no poema de Santa Teresa, que tem por título “Aspirações à vida eterna”, no qual observamos que vida e morte entrelaçadas se apresentam⁴:

Vivo sem em mim viver
E tão alta vida espero,
Que morro de não morrer.
[...]
Só vivo pela confiança
De que um dia hei de morrer;
Morrendo, o eterno viver
Tem por seguro a esperança.
Ó morte que a vida alcança,
Não tardes em me atender,
Que morro de não morrer.

No místico, vida e morte andam de mãos dadas, pois a vida não é tomada para si, mas entregue à morte de modo que em vida, não vivendo, o místico goza. Goza do que não está aqui, mas está lá... mais além.

O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus dirá Freud a Viereck: “Os outros descarregam seus pecados sobre ele. Ele deve praticar sua arte à perfeição, para desvencilhar-se do fardo jogado sobre ele” (VIERECK, 1926, p. 7).

Em *Televisão*, Lacan afirmará que o analista seria como o santo, no sentido de ser o rebotalho (o resto) do mundo: “Na verdade, o santo não se considera a partir de méritos, o que não quer dizer que ele não tenha moral [...] quanto mais somos santos mais rimos, é meu princípio, e até mesmo a saída do discurso capitalista - o que não constituirá um progresso se for somente para alguns” (LACAN, 1974/2003b, p. 33-34).

O analista deve ser aproximado do santo no sentido em que ele não faz caridade, mas, sim, “descaridade”, se oferecendo como causa do desejo, como objeto *a*. O mal-estar na civilização deve ser colocado na conta do inconsciente na medida em que ele não pode dar corpo a uma fórmula que seja a da relação entre os sexos. Por ter uma chance de fazer o *fala-ser* sair desse assujeitamento, o psicanalista deve recolocar a castração em seu lugar e conduzir o sujeito à verdade singular de seu gozo. O santo consegue isso fazendo-se realmente de rebotalho do gozo do Outro, fornecendo significante “para fritar”, enquanto o analista, e é aí que a comparação termina, não faz senão semblante deste rebotalho, em outras palavras, de objeto *a* (LACAN, 1970/2003a, p. 412).

⁴ O poema pode ser acessado na íntegra através do link: <https://www.salusincaritate.com/2018/12/poemas-de-santa-teresa-davila.html>

Em uma operação que atinge a morte (queda de gozo) em vida, o santo é o resto que acolhe em seu corpo os pecados do mundo. Já o analista – tendo levado sua análise pessoal até um ponto avançado no qual este resto alcançado por seu dizer possa fazer com que o resto produzido nesta operação lhe sirva de tal modo – é aquele que pode ser o próprio resto encarnado, objeto a causa de desejo a um outro que venha a procurar sua escuta.

Na investigada cena, o entrevistador de Freud entra em um movimento analítico endereçado ao entrevistado/analista e passa, então, a trazer à tona suas impressões acerca da psicanálise. Viereck dirá a Freud que a psicanálise lhe parece ser da ordem da caridade cristã, uma vez que não existiria nada na vida humana que a psicanálise não pudesse compreender. Freud, que nunca aceitou que sua descoberta fosse correlacionada à religião, reagiu imediatamente dizendo: “Tudo compreender não é tudo perdoar. A tolerância para com o mal não é de modo algum o corolário para o conhecimento” (VIERECK, 1926, p. 7). Essa pontual intervenção de Freud nos lembra Antígona, que poderíamos também considerar como alguém que vivenciou, a seu modo, essa operação de suportar (no sentido de ser o suporte) com o próprio corpo os restos de sua linhagem.

Segundo Lacan (1959-60/1991), Antígona age sem temor e sem piedade. Resolve, diante de uma injustiça, fazer justa a morte de seu irmão em oposição a um decreto do rei Creonte, que defende a lei dos homens, a lei escrita, acima de tudo e todos. Antígona se opõe a essa lei da *pólis* e dos deuses de seu povo, sustentando um ato subversivo e pagando por ele com a própria vida, sendo colocada em uma caverna fechada até a morte, ou seja, ficando emparedada. Ela se apresenta como *autônomo*, pura e simples relação do ser humano com aquilo que ocorre de ele ser miraculosamente portador, ou seja, do corte significativo, que lhe confere o poder intransponível de ser o que é, contra tudo e contra todos (LACAN, 1959-60/1991).

Para a psicanálise, o desejo do desejo é aquilo que nos constitui enquanto seres de linguagem. Antígona representa o desejo porque ela é o desejo encarnado. Não se trata do desejo enquanto predicado. A paixão contra a qual Antígona se insurge é a paixão da ignorância. Ela não é movida pelo amor cristão, nem por compaixão nem por medo. A fala de Freud, atestando que tudo compreender não é tudo perdoar, nos indica que é dever do psicanalista se posicionar contra a paixão da ignorância e fazer disso um ato político.

Foi se posicionando desta forma, que Freud, diante de tantas investidas de Viereck, consegue brilhantemente apontar para o furo no saber, que tanto o jornalista visa tamponar. Assim, Viereck em sua relutância, pergunta: “Não significa nada o fato de que o seu nome vai viver?” Ao passo que Freud responde: “Absolutamente nada, [...] estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois de morto” (VIERECK, 1926, p. 5). Gozaria Freud de uma simplicidade que poderíamos chamar de mística? Uma experiência que escapa ao controle da consciência, um gozo Outro que não deseja reconhecimento, saberes, nada; melhor dizendo, um gozo não-todo fálico que se situa para além de qualquer apropriação?

Neste ponto da entrevista, Viereck, já situado em posição de analisante, se mostra um tanto quanto desconfortável com essa instigante conversa, dizendo: “Ao menos na superfície (...) a vida humana nunca foi mais complexa. E a cada dia alguma nova ideia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema da conduta humana mais intrigante e mais contraditório.” (*idem*, p. 9). Freud justifica: “A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade.” (*idem*, p. 10). Logo após, Viereck (1926, p. 10) faz “a pergunta que não quer calar”: “O senhor ainda coloca ênfase sobretudo no sexo?” Freud, sendo analista até o fim, responde na lata: “Respondo com as palavras de seu poeta favorito: mas tudo faltaria, se faltasse sexo!” (*idem*, p. 10). E acrescenta que hoje ele coloca ênfase no mais além, ou seja, na pulsão de morte.

Assim, passam a uma discussão sobre os rumos da psicanálise, na qual Viereck comenta que a literatura americana está impregnada dos conceitos psicanalíticos. E Freud demonstrará sensata preocupação: “Eu sei e aprecio o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos” (*idem*, p. 11).

Freud dirá que “[...] o interesse americano pela psicanálise não se aprofunda” e assegurará: “[...] pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão. Eu prefiro a preocupação intensa com a psicanálise que acontece na Europa. A América faz poucas contribuições originais à psicanálise. Eles são divulgadores inteligentes, mas raramente pensadores criativos” (*idem*, p. 11). Estaria aqui Freud, mais uma vez, se referindo a posições imaginárias? E agora justamente no meio psicanalítico?

E assim vai sendo encerrada essa peculiar entrevista entre o grande Freud, o pai da psicanálise e analista/entrevistado, e Viereck, o analisante/entrevistador. Este último, impressionado com a lucidez do analista, refletirá: “Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço” (*idem*, p. 11). Assim como feito por Antígona, Teresa e, posteriormente, como fará Lacan, que tomam para si seus restos e fazem algo deles, para além do campo dos semblantes.

Deste modo, Freud sabendo estar situado em uma lógica muito distinta daquela na qual opera Viereck, apelará, pela última vez: “Não me faça parecer pessimista (...). Eu não tenho desprezo pelo mundo. Não, eu não sou pessimista. Não enquanto eu tiver meus filhos, minha mulher, minhas flores. Não sou infeliz, ao menos não mais infeliz que os outros” (*idem*, p. 12).

Se fosse possível escolher entre todas as lições que Freud nos deixou, poderíamos dizer que a mais eloquente é a que ele tece através da sua própria experiência, sobretudo enquanto sujeito que deu vida à psicanálise e a fez perdurar até os dias atuais, deixando claro que o que permite que a psicanálise sobreviva no mundo é o desejo de saber, que não cessa e não se esgota, já que não há saber absoluto que obture a falta.

Outrossim, Freud (1915/1974) nos oferece a reflexão sobre a importância de fazer outra coisa para lidar com as pequenas e grandes mortes em vida e com todo o horror que isso causa no humano, advertindo-nos: “[...] se queres suportar a vida, prepara-te para a morte” (p. 301).

Juntamente com Freud, nós, psicanalistas em formação permanente do Corpo Freudiano – Núcleo Dourados, apostamos em um movimento incessante de insistência pela vida!

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- JOHNSON, N. M. George Sylvester Viereck: poet and propagandist. *Books at Iowa*, v. 9, n. 1, p. 22-36, 1968.
- KELLER, P. George Sylvester Viereck: the psychology of a German-American militant. *The Journal of interdisciplinary history*, v. 2, n. 1, p. 59-108, 1971.
- LACAN, J. (1959-60). *O seminário - livro 7 - A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- LACAN, J. (1972-73). *O seminário - livro 20 - Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LACAN, J. (1970). "Radiofonia" *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.
- LACAN, J. (1974). Televisão (Entrevista transmitida pela Radiodiffusion-Télévision Française (RTF) em 9 e 16/03/1974). *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.
- MAURANO, D. *Elementos da clínica psicanalítica, vol. 1 – O desejo e sua ética*. Rio de Janeiro, ContraCapa. Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2018.
- VIERECK, G. S. (1926). O valor da vida - uma entrevista rara de Freud. Trad. Paulo César Souza. *In: Bloco Mágico: Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise*. Número 3 – Outubro de 2017. Disponível em <https://corpofreudiano.com.br/w/wp-content/uploads/2018/01/Bloco-m%C3%A1gico-n-3-2.pdf>. Acesso em 25 maio. 2021.
- VIERECK, G. S. *Men Into Beasts*. Nova York: Fawcett Publications, 1952.

FREUD AND VIERECK: MODALITIES OF JOUISSANCE AND DIRECTIONS OF PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

This article aims to detail a rare interview which Sigmund Freud gave to the famous interviewer George Sylvester Viereck; being the first already at the end of his life, at the age of seventy years old. As from this interview, the Dourados group of Corpo Freudiano unfolds the understanding of a possible analytical and transferential relationship between Freud and Viereck which would give the particular contours of this interesting exchange. Also throughout a detailed analysis of this interview, a question emerges: would Freud be situated in a feminine and even mystical position? Is this the analyst's position? That's what this article sets out to unfold.

KEYWORDS: Freud. Viereck. Mystique. Psychoanalysis. Jouissance.

FREUD ET VIERECK: MODALITÉS DE LA JOUISSANCE ET DIRECTIONS DE LA PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

Cet article est destiné à traiter d'un rare entretien que Sigmund Freud a accordé au célèbre intervieweur George Sylvester Viereck; étant le premier déjà à la fin de sa vie, à l'âge de soixante-dix ans. A partir de cet entretien, le groupe Dourados du Corpo Freudiano déroule la compréhension d'une possible relation analytique et transférentielle entre Freud et Viereck qui donnerait les contours particuliers de cet intéressant échange. Aussi tout au long d'une analyse détaillée de cet entretien, une question émerge : Freud se situerait-il dans une position féminine voire mystique ? Est-ce la position de l'analyste ? C'est ce que cet article se propose de dévoiler.

Mots-clés: Freud. Viereck. Mystique. Psychanalyse. Jouissance.

RECEBIDO EM 10/06/2021

APROVADO EM 30/10/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO